

## **Paulina contra Amália**

**por Rodrigo Arreyes**

*A história a seguir é o fim de uma ambição sem limite que eu senti ao ler Amália de José Mármol, escritor da oligarquia argentina do século XIX. Mármol afirmou ter começado a sua obra contra Rosas na prisão, onde carbonizava os "pauzinhos do chimarrão" para poder escrever. Eu, muito pelo contrário, anos e anos depois, apenas dilapidei o meu tempo e dilapidei as minhas energias. Não copieie, adultereie nem engordeie as páginas deste romance clássico, mas sim o examineie a partir da perspectiva de uma personagem representante do terror rosista, uma "negrita", talvez, da minha idade. Lembremos: uma vez eliminado o projeto político do rosismo, começou a forte eugenia da Argentina branca, sonho dos unitários. A "negrita", aqui chamada Paulina, de certa forma, fala da história da minha família em vários sentidos. Pretendia escrever sobre aquilo que imagineie com a leitura daquela estranha Buenos Aires e fiquei desorientado no diálogo com a Paulina, a garota protagonista da minha história.*

*Contudo, já estou decidido, eu não sei se vocês vão me entender, um dia serei professor nos subúrbios de Buenos Aires e não vou ensinar Amália, clássico racista que estudeie na Faculdade de Filosofia e Letras. Por isso, para quem quiser ler esta história, deixo o seguinte resumo, tão incompleto quanto qualquer resumo, porém muito útil para entender a história sem necessidade de ler todo o romance. É central entender o que aqui acontece.*

*Amália narra o seguinte: Buenos Aires, metade do século XIX, Rosas no poder. Na marra, Daniel Bello resgata Eduardo Belgrano, descendente direto do prócer da independência, único sobrevivente de um grupo de unitários assassinados pela mazorca quando tentavam emigrar ao Uruguai. Daniel Bello trabalha como político federal, em favor dos seus interesses e dos interesses do seu pai,*

*mas na verdade ele é um espião unitário. Cada momento do romance de José Mármol ele conspira contra o regime do caudilho Rosas. É por isso que Bello possui informações secretas, como a que permite que Belgrano seja resgatado da Mazorca ou aqueles segredos que produzem mil intrigas no romance. Para salvar Eduardo Belgrano, que é perseguido como um tigre do zoológico, Daniel Bello o esconde na casa da sua prima, a viúva Amália. Na rua, nos esconderijos e nas casas luxuosas de Buenos Aires, tudo acontece como planejado pelos unitários, até que um dia a "negrita" (batizada "Paulina") aparece diante de Maria Josefa Ezcurra para trair Amália, dizendo que ela esconde o fugitivo. Como resultado da delação, a mazorca irrompe com seus cavalos na casa dos sonhos de Amália e mata todos os presentes, incluindo os protagonistas, Daniel Bello e Eduardo Belgrano. Este é o final da história: uma promessa cumprida que aparece neste fato literário, bem diferente à realidade histórica, em que o rosismo é derrotado pelos unitários.*

*Quem queira conhecer mais e ainda não se sinta satisfeito com o meu breve resumo, que é apenas uma bola de gude para entender o conto no que se refere ao contexto literário, que, por favor, se isso deseja, leia os capítulos I ("Traición") de la Primeira parte, VI (Doña María Josefa Ezcurra) de la Terceira parte e o XIX ("El tálamo nupcial") da Quinta parte do romance de Mármol.*

\*\*\*

(...) Não foi uma ilusão, mais o medo transformou o caminho em um rio subterrâneo. Você tem quinze anos, teu espírito se manifesta com soltura, a tua inteligência é maravilhosa e em tudo você é melhor do que eu, por isso eu me sinto esplêndida, falo com a sinceridade do amor. Eu sei, filha, obrigado por deixar que eu seja honesta e, depois de tantas brigas, não deixar passar o meu tonto silêncio.

Foi assim que eu cheguei nestas terras, aonde você e o teu irmão chegaram à vida: eu tinha seis o talvez sete anos, mas já sabia dormir com os olhos fechados e aprender os passos de coruja *vizcachera* da minha mãe. Era o quinto dia de uma chuva que começava a se espreguiçar e o caminho abria os braços entre as terras alagadas. A viagem de norte a sul, com uma parada de cinco dias em uma pequena cidade uruguaia -só sei que era desse país-, prolongou-se no tempo, impossibilitando a chegada programada. Não sei se fomos transportados em uma carroça ou em um bote - a água chegava até os nossos cotovelos e os mosquitos chupavam o nosso sangue até de dentro das nossas orelhas.

Finalmente, na última semana do mês de março, poucas gotas caíam do céu. Eu lembro: Dormia enfiada no colo da minha mãe, entre vários artigos sagrados de ouro e uma imagem da Virgem com a mesma altura que a minha mãe, em volta de um metro e sessenta.

Com um olhar tão real que parecia tocar os meus ombros se eu queria sair do colo da minha mãe para outro lugar da carroça, esculpida em madeira mágica pelo meu tio, famoso artesão da "fazenda", a estátua da Mãe de Deus nos observava. Para nos abençoar, além dos cinco soldados que cuidavam das riquezas dos brancos e os outros três negros, também escravizados, a obra de arte que ali estava era uma Virgem de Guadalupe, o tesouro dado pelo meu tio em troca da nossa viagem. A imagem estava presa no chão da carroça de forma que ficava em pé no meio do grupo, como se fosse outra pessoa que jamais iria descansar até chegar na igreja de destino. A estátua e nós todos éramos o pacote enviado de presente entre três fidalgos. Ali os passageiros acendiam velas que a imagem segurava com as mãos, para que, depois da oração, ela servisse como castiçal para o *truco* dos soldados ou para iluminar alguma comida compartilhada pela combinação de passageiros, que se revezavam para dormir ou então conversar com nós na improvisada sala de jantar do carro. E apesar dos pedidos de proteção do meu tio, sob o olhar da Virgem, a tua avó era levada a beira do caminho para diversão dos soldados ou também para o uso do dom Jean, um

francês nojento que me olhava com lascívia depois de voltar com ela. Minha mãe apenas recebia comida e dinheiro em troca. Lembro perfeitamente destas partes da viagem no meio do nada. Alojadas entre os outros objetos, contra o maldito frio da noite, ficamos quietas olhando as estrelas, abraçadas com cobertores com cheiro a cachorro doente, com medo dos milicianos estupradores e assassinos que podiam aparecer a qualquer momento.

A Virgem Maria com as velas e os cobertores fedorentos, a algazarra e o cansaço dos homens, o frio - essas são as imagens que guardo desta espantosa viagem. Pelo contrário, minha mãe, em Buenos Aires, lembrava da nossa travessia como a linha reta sobrenatural da nossa salvação. Os estupros dia a dia a humilhavam e deixavam mordidas e cortes no seu corpo, além da tristeza inesquecível, porém também é verdade que a luz ao fundo do nosso destino foi *de los pies hasta el cuello* diferente a escuridão encontrada por outras mulheres da minha família, como a minha avó, que passou anos e anos em uma gaiola com duas guaripés como presente dos filhos do Senhor em São Paulo, ou homens como o meu avô Zezé, a quem lhe enfiaram um ferro no pênis e deixaram morrer sobre um formigueiro por ser o amante da sua senhora, a mãe do meu tio.

Ela me abraçou com força durante a viagem toda, mas o abraço não foi o abraço de uma mãe zelosa que teme pela vida da filha, sim o abraço de alguém que resgata um dos seus da morte, graças à especulação da troca de bens que nos jogavam em uma terra onde a escravidão não era como a imperial brasileira, um país onde muitos pretos velhos, embora por vezes mutilados, já eram livres desde crianças. A nossa liberdade era uma realidade, embora à primeira vista fosse uma troca de mão em mão, pois é, da mão do artesão do meu tio.

Entre os outros parentes do Brasil, lembro do Meleca, que sempre usava a "máscara de flandres", punição porque uma vez comeu terra para se infectar e evitar o trabalho da fazenda. Lembranças das

torturas são infinitas, também eternas. Vários outros negros usavam esta máscara, que os mantinha longe da embriaguez ou de furtar as pedras preciosas ou outros objetos das mulheres, a maioria das vezes esquecidos por descuido dentro de casa.

\*\*\*

Meio dia antes de chegar na cidade de Buenos Aires, um arco-íris se espalhou sobre a planície. De lado a lado na planície desértica, formava uma semicírculo perfeito. Um dos negros, que quase não falava conosco, me acordou com entusiasmo para vê-lo. O céu destas terras, hoje, creio, desenha um imagem certa da travessia que vivi, que não foi uma linha e sim um rabisco. Quando vejo este céu, que na paisagem ocupa mais espaço que a terra, sinto estar dentro de uma bola de cristal gigante. Minha mente fica abstraída e os meus olhos seguem a fina linha do horizonte, que às vezes tem cores que, para mim, formam uma visão da esperança nesta terra de sofrimento para os pobres e recompensas para os ricos. Sinto, além do mais, que o mesmo céu, que aparece na bandeira argentina (e do Uruguai), é o principal fator da paz que vi nas tardes durante o período de proteção do Restaurador, que sofreu tantas injustiças por culpa de seus covardes inimigos.

Depois do Restaurador, o engajamento entre negros e brancos, juntos no caminho do fim da pobreza e da injustiça da face da Terra, chegou ao fim pela ação dos diabólicos unitários. Me emociona o céu azul quase branco, mas também amplamente vermelho, como se o sangue da terra passasse através de veias espirituais para o céu, deixando-o laranja, violeta, turquesa e em outros tons nunca antes registrados pela pintura, se não só pela alma daqueles que pararam para matear ou beber caña nas esquinas, à tarde, com outros e outras, sempre pensando no fim dos tempos que diariamente aparecia nesse céu desenhado por fantasmas. Falamos muitas bobagens místicas sobre este céu com meus queridos paisanitos.

A imagem do céu da minha infância forma parte de mim e com certeza tem a ver com que agora eu escreva estas palavras, minha filha, como surgem do meu interior, pelo sentimento de que o céu está em movimento e ele não é algo atemporal e estável, como aprendi na catequese.

\*\*\*

Para a minha desgraça, que se enfiava como o vento nas casas, mamãe morreu alguns meses depois da nossa chegada em Buenos Aires. Não é uma grande sorte, tanto para os ricos como para os pobres, viver com pais e irmãos até que chegar pelo menos aos quinze anos? O que falar sobre isso que eu não tenha falado antes? O que eu mais gostaria neste mundo é conversar com ela ou, pelo menos, receber uma carta da minha mãe como esta que escrevo. Sendo eu apenas uma criança, sofri um choque horroroso ao ver a minha mãe morta, deitada em nossa cama. Afundar em um navio no meio do oceano é pouco em comparação a sensação de vazio e dor que eu sentia. Não sei dizer exatamente a causa da sua morte, menos o ano, mas dela tudo eu lembro: o cheiro, a voz, a força dos seus braços, os beijos gostosos e os "eu te amo, minha filha", além das histórias que você conhece, que são os ricos ensinamentos da minha avó! Eu sei que ela agora está aqui do meu lado esclarecendo o meu pensamento com palavras que não são palavras.

Lembro dela inerte na cama com a cabeça tranquilamente apoiada na almofada. Depois de um abraço sem resposta, pedi socorro. Ali, dois mil quilômetros de distância da fazenda, mãe e filha empregadas na casa de um unitário, ela partiu e eu fiquei na mão dos brancos.

Nosso patrão, um unitário nojento, embora diferente dos senhores do Brasil, também tinha olhos de tigre furiosos para minha mãe e para mim se algum erro mínimo acontecia ou se gastávamos em suprimentos mais do que ele considerava justo pagar, apesar da fortuna que ele dilapidava em porcarias e objetos ridículos,

"transoceânicos", como eram chamados, entre eles, o relógio de bolso de ouro suíço que ele me deu depois da morte da minha mãe.

Até o dia do relógio suíço, a vida com ele pode ser resumida na profunda pausa das emoções que eu sentia. Ele sentia ódio se eu brincava dentro da mansão e, quando surpreendida, me xingava usando principalmente estas duas palavras: "vagabunda" e "mimada". Ele odiava que eu não suportasse o cheiro do peixe que ele tanto adorava. Com este prato, muitas vezes sentia nojo e não conseguia conter o meu vômito, chegando a manchar alguns dos seus móveis. Então, sem tirar as espinhas, eu era obrigada a mastigar o peixe até que saia sangue da minha boca e, por fim, ele sentia piedade e me trancava em um armário. Eu preferia sentir o gosto do sangue antes que o gosto do peixe e preferia o castigo antes que engolir aquela comida. Além disso, se eu tocava as suas coisas por curiosidade, rapidamente o meu patrão unitário me dizia que eu as manchava com o óleo das minhas mãos, apontando para mim o ambiente (das áreas com autorização para circular ou da ala de serviço, dava a mesma coisa) que eu estragava sem estragar, sempre rindo deste absurdo como se eu compartilhasse o seu sentimento sobre minha pessoa negra. Ele percebia que eu não dava risada nem me magoava, e sim que sentia ódio. Não recebia dele gestos mais humanos que os recebidos pelo seu cavalo ou cachorro, Rulfo e Mermelada. A sua cara feiosa, porém jovem, me assustava. Pensava que envelheceria com ele nessa condição humilhante! De acordo com o seu ponto de vista, quem me mimava era ele, e eu era uma cachorra ingrata, uma permanente inconformidade de criança que, certamente, o atormentava.

Nossos deveres eram dar um serviço silencioso ou passar horas e horas de pé como estátuas de Cartago quando ele recebia visitas. Acordávamos duas horas antes para preparar o café da manhã, trabalhávamos sob o sol do verão nos banhos eternos ou ligando a lareira se o frio do inverno dominava a casa; da manhã até a noite, sistematicamente, éramos as guardiãs da temperatura ideal e da saborosa comida de Lynch, o ilustre sobrenome do meu patrão. Fora

disso, é verdade, nada lhe preocupava. Muitos acreditavam que se tratava de um intelectual místico, um exemplo de artista das letras.

Além dos diferentes integrantes dos ramos da sua árvore genealógica, pedindo ou dando dinheiro, os seus dois melhores amigos acadêmicos sempre o visitavam: o pai do Eduardo Belgrano e o tio do Alsina, "os Juanes", como Juan Belgrano e Juan Alsina eram chamados por Lynch. Os três amigos misticamente bebiam vinho até desmaiar exceto que, estimulados por drogas, conseguissem transar violentamente, nem sequer se importando em me dispensar. Naqueles momentos, éramos úteis para espiar pela janela se alguém chegava (eles só se encontravam aos sábados durante o pôr do sol, com uma repugnante pontualidade) ou para servir lanches, drogas e bebidas toda vez que a campanha tocasse.

Um dia, de repente, minha mãe amanheceu morta... Ele gritava de raiva. Lembro do meu medo sobreposto à dor. Sofrendo pela perda de seu investimento na "exótica Sofonisba", como chamava à minha mãe, não esperou dois dias para me vender aos idosos vizinhos cujas duas filhas haviam sido sequestradas pelos índios na cidade de Lobos.

Sofri muito perder a tua avó. Agora mesmo, vejo lágrimas de criança derramadas nas minhas pernas e no chão. Quando eu penso nela, o abandono que sinto regressa e é por isso, a partir de agora, tentarei não me referir a ela mais do que necessário.

Na nova casa chorei tudo o que eu queria. A minha sorte me levou a uma casa onde consegui novos pais adotivos e não novos senhores, de certa forma: lamentar, ser feliz, brincar, estudar, ter amigos, tudo foi permitido, e com regras que nem sempre meus velhos pais eram capazes de aplicar. Eu brinquei por primeira vez sem temer torturas, sentindo que era um privilégio e sentindo, sem mais, gratidão. Não sei quantas vezes por dia sentia a obrigação de dizer obrigado. Isso pegava no alvo psicológico dos meus pais adotivos.



Ahh! Para me despedir e porque não suportava me ver chorando, desagrada mais do que desgraçada, Lynch me deu de presente o relógio de bolso de ouro suíço e uma mala quebrada para guardar meus lixos, lembranças da minha mãe e brinquedos.

\*\*\*

Assim, com a mala cheia de porcarias, que era tudo o que tinha, um dia de inverno, apareci na porta de Don Pedro Maisson e Doña Sabrina, meus pais adotivos. Eles, em poucas palavras, eram dois jesuítas de cabelos brancos que acreditavam que eu carregava um demônio no meu corpo de menina, por isso muito se esforçaram para me ensinar a doutrina cristã e o dogma da fé católica, além de gramática, latim e outras ciências que eu aprendia com um sucesso que os fazia aplaudir como no teatro. Obedecendo o que eles queriam, já não eram dias de golpes ou torturas, no máximo meus velhos me exorcizavam com água benta, tiravam a melhor parte da comida ou me insultavam diante dos outros vigilantes da fé da capela de San José, argumentando sobre minha herança demoníaca pesada africana, comparando-me com os macacos, e dizendo que uma porcentagem maior dos meus antepassados foi destinada com certeza ao inferno, por não ter praticado a fé romana. Eles estavam sempre preocupados em esclarecer que, se os meus parentes estavam no céu, eles apenas atingiam um lugar inferior ao *seu* céu, o céu dos puros, o céu livre de tambores supersticiosos, resumindo, o céu dos brancos. Sim, ouviam vozes que armavam castelos de cartas semelhantes nas cabeças deles. Assim, com teologia, me roubaram o relógio de ouro suíço porque, certa vez, "desperdicei" dinheiro comprando um livro de geografia sobre a África. Lembro do curso sobre o Inferno que começou com a história do relógio e não quero deixar de dizer que estas bobagens eram a normalidade das atividades que compartilhavam comigo fingindo inteligência, superioridade e paixão.

O que dizer agora que não devo calar? Nas aborrecíveis aulas de teologias, pensava, o Céu era sempre como a Terra, com hierarquias

raciais, com um máximo ocupante da pirâmide (não no Egito nem Peru, sim em uma espécie de Olimpo) que era Deus, que era ao mesmo tempo Espírito Santo e Filho. Debaixo deste triângulo dentro do triângulo, a Virgem Maria, os anjos, os santos, os mártires e, lá no fundo, porém ainda no Céu, aqueles que não conheceram a fé de Cristo mas viveram em harmonia com os mandamentos de Moisés, acertando na escuridão, por sorte extraordinária, a Verdade. E ainda mais no fundo, fora da pirâmide ou dentro de uma pirâmide invertida, o resto dos condenados, divididos entre os que deviam pagar suas faltas antes de entrar no céu ou aqueles que nunca chegariam a nada dentro do nada. Estar lá aprendendo a geometria dos meus amos, na boca dos meus pais, era uma grande sorte.

Resumindo, com todos estes lugares imateriais ou materiais, o tempo aqui na terra, pelo menos para mim, se perdia o dia inteiro na capela dos Varela, o sobrenome dos melhores amigos da família.

Inclusive antes do café da manhã, passando muita fome, era hora de ouvir o padre explicando os diferentes pontos da fé cristã, em especial tudo aquilo relacionado com a pureza e as descrições do demônio e o caminho errado da rebeldia, que causava mortes, mentiras e traições.

Meu caminho na religião servia para a salvação, "quase canonização" segundo Varela, dos meus pais adotivos. Para os negros, como eu, servia para assegurar a fonte de trabalho na casa de vários brancos que desconfiavam deles, e os olhavam como cobras, mesmo se conhecidos desde crianças, por causa de um rito, porque roubavam pão ou porcarias da casa ou porque eram amantes que lhes causavam uma enorme culpa e amor camoniano.

Enquanto isso, na capela de San José comecei a amar outras pessoas. Não vou lhe contar nada que não falamos. A capela me trouxe um casamento, a gravidez, a saída da casa dos meus pais sem um centavo. Entre vários pretendentes ou namorados, escolhi o teu pai, Marcelino Baraño.

Olha... você sabe como são as coisas, mas vale a pena repetir. A primeira pessoa em tocar as minhas nádegas e a minha vulva foi um seminarista, que me encontrou meditando frente ao Santíssimo uma noite, durante um retiro espiritual para negros. O que eu queria era ver o Marcelino, mas em vez do meu amor apareceu o entusiasta com uma confissão e, por fim, mãos descontroladas e um rosto cheio de ira, sem perder a cara de estúpido e ridículo! Fugi com um soco na orelha dele, com um forte sentimento de desprezo, sem gritar, claro, para que não fosse eu a acusada de estupro.

O segundo encontro com Marcelino, pelo contrário, foi um sucesso. Receber o amor do teu pai era importante, porém existiam muitos outros caminhos para minhas fantasias, que me alimentavam as esperanças, fora o espetacular fogo da carne que sentia. Eu sonhava mesmo era com a minha casa própria, como as outras negras argentinas ajudadas por Rosas, com filhos, quem sabe, ser dona de uma *pulperia*. Pensava: *Não quero ser uma pobre da Bíblia!* Eu não acreditava na humildade e queria uma casa muito bonita. A Deus nunca neguei uma missa nem um retiro da capela San José, pois ali morava Marcelino, que se apresentava como um demônio entre as árvores, e lá, na escuridão, longe estava das humilhações da minha vida. Com ele percebia a profecia de um futuro melhor para nós, incluindo você. Foi nesta terra com teu o pai onde abri os olhos, minha filha, com as verdades da carne. Marcelino tinha toda a minha confiança e eu a sua e o nosso amor dizia teu nome.

\*\*\*

A relação com teu pai durou apenas meia década. Casamos na capela San José, os dois com talvez dezoito ou vinte anos, você nos primeiros meses na minha barriga, com a fria aprovação dos meus pais. Fomos morar, com a ajuda das influências políticas do teu pai, em uma casa pobre em Barracas, que alugamos por muito dinheiro.

Com o tempo, Marcelino, homem das trevas que existem na rua, se tornou um dos soldados de extrema confiança do Restaurador. Foi

assim sem armadilhas contra seus companheiros, nem pagando favores que traísse sua fé nas Missões, apesar de que tal atitude na vida de um negro seja também uma oportunidade aproveitada com os poderosos subornos. Ele trabalhou feito um cão para ganhar a confiança dos federais, servindo à Santa Causa com cada elemento das suas forças, sempre que houvesse uma oportunidade para mostrar aos chefes que ele era capaz dos movimentos mais sobrenaturais: penetrar paredes com uma faca, derrubar portas com apenas um soco ou, sem dormir, perseguir o inimigo até o fim da Pampa, sempre que a principal recompensa fosse o sangue dos imundos inimigos da paz. Durante este período, era livre em casa para ler ou comprar livros com o dinheiro que recebia da pulperia da minha patrona, doña Isabel, avó da prima ou prima da avó do Marcelino.

\*\*\*

Foi uma noite fria, com uma névoa silenciosa cobrindo a cidade, quando senti que um espírito maligno entrava na minha casa. Depois, sem Marcelino, percebi que ele estava aqui para verificar a encarnação da minha desgraça. Camilo López, soldado de vinte anos, tocou a porta e informou que o comandante mandava chamar o meu marido. A ordem dizia que era para "colocar as botas e voar". Morales, Diego e outros cinco *muchachos* o acompanhavam, todos eles furiosos com a notícia: um grupo de unitários teria botado fogo em duas casas em Retiro e, agora, queriam fugir em um bote para o Uruguai, com o propósito de conspirar ou se unir ao exército de Lavalle. O tempo era valioso para o sucesso da missão.

Pelo que contaram, um dos vizinhos negros destas casas, por desgraça, teria reconhecido o seu patrão, Merlo, entre certo grupo de patrícios unitários que atravessavam a cidade misteriosamente. Era maio e o negro estava bêbado como quem vive o fim do mundo. Merlo e os outros unitários não queriam ser cumprimentados aos gritos, menos por um negro, e uma burrice de bêbado foi para eles suficiente insolência e falta de civilização. Merlo aplicou toda a força

do seu sabre contra o negro, quem recebeu apenas um golpe fatal na cabeça. Suas filhas, que ali estavam, correram com paus e pedras para evitar uma maior mutilação, pois mesmo com o corpo já em terra, Silvano, o bêbado, continuava recebendo golpes de sabre.

Depois da primeira morte, os unitários, pensando que já estavam cercados, não duvidaram em dar às filhas o mesmo destino que o pai, com o mesmo tipo de corte vertical, sem descer do cavalo. Por fim, os unitários botaram fogo na casa das mulheres, provocando um incêndio em cinco casas da pequena vila, lar dos mais pobres da cidade.

Talvez, para alguns, isso pareça uma péssima estratégia para aqueles que fugiam secretamente da Mazorca, mas para eles era uma forma de chamar a atenção em outro ponto de Buenos Aires, já que o combate ao incêndio nestas casas, isoladas, chegaria um pouco tarde, mas cairia sob o comando de um grupo de federais que vigiava a partida de botes ilegais à noite. Como os patrícios desta noite, muitos unitários fugiam das sentenças de morte ditadas por Rosas. O que eles não esperavam era a mensagem de advertência direta recebida por Coutiño, quem em poucos minutos organizou um grupo de caça de unitários.

\*\*\*

Marcelino voltou suando, nervoso, dizendo que havia participado em um massacre perto da casa de Lynch.

Assim que vi a sua delirante expressão, entendi que os habitantes daquela cidade, não muito mais tarde, encontrariam uma pilha de cadáveres negros e manchas de sangue na rua e nas paredes. Outra vez se repetiria a cena em que os amigos e parentes dos mais pobres eram carregados pelo Diabo. A maioria dos soldados que essa noite passaram por minha casa agora eram alimento dos vermes. O resultado do enfrentamento foi o seguinte: dos federais, apenas Florêncio e Marcelino sobreviveram; dos unitários, Eduardo Belgrano

e Daniel Bello fugiram com vida. Os unitários teriam sido interceptados por Coutiño, mas se defenderam com a natureza extraordinária de um animal encurralado antes do martírio.

Quando olhei para baixo para lamentar a perda de tantos bons amigos, que surpresa! Vi nas mãos do Marcelino o relógio de ouro que fora presente de Lynch, arrebatado anos atrás pelos Maisson como castigo. Que espírito brincalhão recuperou este objeto e o que ele queria me dizer? Pensava: o relógio era uma recompensa por ou um sinal da minha própria morte?

Depois do evento com os unitários, Marcelino estava perto do palácio da embaixada da Inglaterra, governada por Mandeville, em cujo parque parou para descansar com o soldado Florêncio e para, por fim, contar o dinheiro tomado dos inimigos mortos. De repente, Marcelino ouviu um ruído perto de uma árvore. Em poucos segundos, o terror: Florêncio no chão, com a cabeça lançando rios de sangue, o cigarro pressionado entre os dentes e o rosto endurecido como uma rocha, assassinado por uma pessoa que parecia invisível e talvez continuava ali rondando a casa do embaixador.

Com medo, Marcelino pensou que, se encontravam Florêncio ao lado dele, não teria como explicar às autoridades, os brancos, sobre aquela estranha morte de um soldado federal. Quem seria culpado por assassinar um igual naquela embaixada onde havia tanta proteção? Florêncio era um filho adotivo do secretário do embaixador Mandeville! Por mais privilégio merecido entre os federais, ele seria acusado de ladrão, mentiroso e unitário, por isso rapidamente decidiu abandonar a cena do crime, pegando o relógio de ouro que estava no chão, sem qualquer sentimento de profanação do seu colega, porque Florêncio sabia que era parte do espólio que deviam dividir em duas partes sem esconder nada. Florêncio escondeu o relógio, não declarando a descoberta a quem quase morrera com ele. Marcelino pegou o relógio e sumiu dali.

— Pois é, eu não era o único com chances de pegar o relógio, que você agora diz que é teu! Talvez alguém quis cobrar uma dívida e, por isso, foi assassinado! Quem sabe, outro negro...

— Néscio! Eu não acredito nessa história de dívida, se este relógio estava no chão foi apenas porque o nosso amigo talvez admirava o seu valor no momento em que foi assassinado de frente. Ele era muito forte e se afastou de você porque sabia que o relógio, que devia ser vendido e dividido em duas partes, não lhe havia marcado a hora da *honestidad federal*.

— O que? Melhor não ficar fazendo poesia e responder o que eu quero saber.

— O culpado com certeza foi um unitário fujão e o resto do dinheiro continua no bolso do nosso amigo assassinado.

— Eu sei que os unitários são capazes das piores atrocidades e que nós temos que imaginar que eles são os executores ou comandantes dos crimes desta perigosa cidade, colocando preto contra preto e branco contra preto. Eles sonham com uma Argentina com maioria de brancos e alguns negros para os serviços mais repugnantes. Você sabe que a metade da minha família morreu em Tucumán para divertimento de um selvagem unitário que não sabia o que fazer à tarde. Pensando bem, sei que os papagaios unitários não andam soltos pela noite. Talvez foram os malditos que perseguimos... e que voltaram pois devem ser espias em nossas filas.

— Houve sobreviventes?

— Dois unitários. O único que sobreviveu entre os unitários, mais aquele unitário que saiu do nada e que, usando uma espécie de pau, matou vários federais. Ele era um militar com treinamento.

— Não devem estar muito longe daqui. Foi um grave erro deixá-los fugir sem avisar aos outros. Agora estão novamente tramando como chegar ao exército de Lavalle.

— Quando acabou o baile com os unitários eu não conseguia pensar direito. Não vão chegar muito longe, um deles possui um corte até o osso da perna. Agora os únicos sobreviventes devem estar sem dentes, perdendo sangue e à procura de um lugar para se esconder, feito duas lagartixas. Eu mesmo acertei um chute na cabeça dele, mas, mesmo ferido, fugiu com ajuda do amigo.

\*\*\*

Um dia fui na casa da minha paisanita Margarita, a quem sempre presenteava com a mel das minhas abelhas, quando duas escamas caíram dos meus olhos. Nada mais sincero do que seu rosto rechonchudo com a marca do chicote que arrancou a sua orelha esquerda. Como invadida por uma hesitação gigante, minha amada Marga me recebe com uma chimarrão frio e lágrimas sufocantes. Ainda incapaz de completar as primeiras frases, lentamente, como nunca antes, conta que o seu marido havia sido dispensado por Dona Amália, uma unitária que morava na frente da minha casa e que nunca comprava nada na *pulpería* do meu patrão. O marido da Margarita, o Guao, trabalhava principalmente no jardim, embora sua função naquele lugar também fosse cuidar dos cavalos e deixá-los em condições dignas de um rei. Ele atendia suas obrigações com excelente delicadeza e nunca chegava fora de horário, disse minha paisanita, e às vezes inclusive cobrava menos ou diretamente nada, sem protestar nem insinuar inconformidade. Muitas vezes se apresentava doente e trabalhava até de noite. Ele era ciente da sua situação política: as chances com os unitários não se repetiam, o dinheiro servia muito, mas a sorte podia mudar e ele formaria parte de no saco de gatos cuspidos na rua de um dia para o outro só por serem negros, como é costume hoje em dia, cada vez mais, pois todo negro é visto como federal, fiel ao Restaurador das Leis. Os unitários



estavam convencidos que apenas os mulatos eram de confiança, pois acreditavam que os negros eram fanáticos e os odiavam em silêncio.

Margarita chorava como uma esponja dentro de um balde:

— Ai de mim, ai, ai! Oh, miséria infinita! Desgraça! Eu me ofereci de joelhos como lavadeira para a Doña Amália, que conhece os meus filhos desde bebês, dizendo-lhe que agora eles não tinham nada para comer, pois o pai estava na rua! Por ser negro! Isso ela respondeu: "Ele é negro", e deu risada.

Ai, minha querida, meus filhos passam tanta fome e tenho as mãos amarradas por estas manias de grandeza! Nesta casa, caindo aos pedaços, tenho pesadelos em que vejo as paredes me esmagando junto com os meus pequenos. Você já ouviu falar das casas incendiadas pelos unitários? E se acontece isso com nossa casa agora? A ideia de nunca ir embora daqui é o meu maior medo pelas noites. Tenho que sair dessa, urgente. O que fazer agora sem dinheiro nem para comer? Os ratos são os únicos felizes nesta casinha. Aparecem de noite para morder os nossos pés.

Tentei fazer que mudasse de pensamento dizendo que ela podia me dar uma chance na pior posição, que não reparava em trabalhar pela metade que o meu marido, mas a dona Amália, sem gastar mais um centavo do seu tempo, fechou a porta de cristal na minha cara dizendo que o lugar agora estava coberto por uma senhora chinesa. Chinesa, que falava em chinês e que ela estava aprendendo o idioma! Imagina a cara dessa nojenta brincando comigo, como eu fosse uma cachorra balançando o rabo!

— Eu sei que a dona Amália é um demônio com a cor de um cadáver e que entre os seus anéis há sangue das raças humanas e animais que estão sob o seu comando. Como a minha casa fica perto do seu *castelo*, certa vez o Marcelino, bêbado, entrou secretamente pelos jardins e, pelo estilo da casa, começou a suspeitar que ali moravam unitários. Mesmo assim, como não tínhamos certeza, nem

queríamos saber mais, não acionamos a Mazorca. Quando a vejo, às vezes, faço um sinal respeitoso, mas Amália faz de conta que não há nada entre ela e o resto do Universo. Algumas pessoas dizem que ela envenenou o marido para ficar com a sua fortuna e por isso fugiu de Tucumán. Coisas que dizem e depois negam. Eu prefiro não ser visível do que ser acusada de soberba por um branco. Não cumprimentar um patrício é quase a mesma coisa que lançar uma ameaça. Vou te escrever uma coisa, penso, o poder não é para usar com irresponsabilidade, penso eu, nosso objetivo - não a causa imediata do rosismo, talvez, que é governar - é a paz, e nossa motivação é a motivação dos mais pobres e não os sonhos dos poderosos, que é o que não somos. Não quero defender a viuvinha unitária e sei que ela por dentro está podre, mas por muito tempo o teu marido foi abençoado com um emprego em uma casa, como as mulheres. Não como o meu marido, que, eu odeio pensar ... fico enojada quando ele chega com as mãos manchadas de sangue ... Vomito entre as galinhas para que ele não perceba o meu espanto ...

— Amiga, você é uma cachorrinha que morde o próprio rabo. Eu posso te dizer que o tempo vai provar que o taita Rosas é o único caminho possível para os negros, que nas mãos dos unitários seremos exterminados, por isso, ele é o prato onde eu vou comer todos os dias. Eu vou apoiar o projeto que ele tem, que é permitir a minha vida e a vida dos meus filhos. Vou lambar esse prato. Não vou perder a oportunidade de deixar uma marca de fogo na vida destas terras. O que mais você sabe dela?

— Que a dona Amália sempre toca o piano e canta de noite! Acho que é o hino de Lavalle, mas não tenho certeza.

— Parece que ela nem repara em se esconder.

— Essa porca não esconde nada!

\*\*\*

Uma pessoa rica sempre tem clientes, mas os pobres estão amarrados com aqueles que oferecem os seus serviços por nada, ou seja, os pobres. A traição é muito comum entre nós e a loucura é uma ameaça para quem perde tudo ou perde pouco e sente esse pouco como se fosse tudo, porque sabe que de repente esse pouco vai se acrescentar com outros poucos perdidos. Pensando assim, o destino do negro naquela época, antes da chegada dos brancos italianos, franceses, russos, judeus e muito mais, era o destino de um javali surdo e cego em uma terra onde tudo era uma ameaça, com um futuro que variava entre a miséria e morrer na forca. Dia após dia, doença após doença, governo após governo, os pobres são os mesmos e os ricos asseguram a sua posição no chamado *corpo social*. Nosso destino é mais do que incerto. A regra é a força de espírito, força com nosso parceiro, força em nossa família, força com nosso amante ou em solidão, força com nossos irmãos, força com nossas amigas, força com nossos mortos, força com nossos sonhos e cuidado no território em que vivemos, onde tecemos a rede para comer mosquitos. Desculpa se você pensa que eu te engano com discursos, acredite, filha. Os negros participamos de guerras e aqui abandonamos a preparação do doce de leite na cozinha para matar pela liberdade que para outros foi natural. O rico, em outra dimensão, percorre a mentira da sua propriedade. Suas mansões são mal assombradas e assim, com fantasmas, vagam de quarto em quarto, como Eduardo Belgrano, o jovem que mancava e colhia flores no jardim da viúva Amália. Os lacaios não são habitantes daquele prédio, mesmo que não saiam de lá o dia todo. Como móveis, espelhos, roupas ou uma colher, eles são manipulados por um fantasma.

Eu não ficava no jardim da viúva para ver como ela se beijava com Belgrano, mas era o que eu assistia no meu cantinho. Entrei várias vezes na casa da dona Amália. Eu não gostava nada de ficar ali parada, mas sentia que era a minha obrigação. Pensando bem, decidi espiar Belgrano e Amália quando descobri que o jornalista Nicolás Mariño estava dando voltas ao redor da casa da unitária. Mariño estava apaixonado por ela, contava uma lavadeira, mas eu

simplesmente fui observar e trocar umas palavras com o periodista rosista. E eu não sei se alguém estava vendo tudo o que eu fazia ali escondida, mas a minha miséria absoluta chegou o dia em que perdi Marcelino, no sábado seguinte deste ato de xereta!

Acontecia que muitas vezes os unitários pediam que os seus espiões ficassem noites inteiras escondidos nas árvores. Marcelino foi talvez sequestrado pelo meu ato indiscreto de espiar ou outra ação do Marcelino, não sei, mas nunca mais voltou para casa! Certo? Talvez Marcelino estava morto depois de um enfrentamento secreto em um lugar escondido. Em poucas horas, seria levado até o fim das terras dos pampas. Não sei o que fizeram com o seu corpo. Marcelino foi sequestrado perto do rio, talvez. Quem sabe ele morreu aqui perto de casa. Ninguém viu nada. Aquele sábado, Marcelino não voltou pra casa e a última pessoa que tinha notícias dele, Diego, apenas contou que o teu pai estava voltando de la Boca.

Depois de procurar desesperadamente por toda a cidade, com dezenas de vizinhos e soldados, vindo de Santos Lugares para Palermo no mesmo dia quatro vezes, depois de passar semanas sentindo que alguém estava me seguindo, meu objetivo era destruir a porca tucumana, Amália. Tinha certeza que o sequestro teve como principal motivo a segurança ou tranquilidade da ilustre flor da oligarquia deste país da América do Sul. Por causa dessa raiva que sentia decidi entrar na casa da viúva uma noite, fazendo menos barulho que uma sombra. Xeretei tudo com a melhor das sortes e, com as cartas da senhora Amália, descobri a verruga do seu unitarismo, além das ações do seu primo Daniel, um moleque da oligarquia infiltrado entre os federais que escrevia discursos para destruir a Causa Sagrada dos Pobres, chegando até mesmo a criar redes internacionais, porque vi cartas dirigidas a pessoas dos Estados Unidos e do Uruguai. Daniel Bello teria sido o salvador do amigo Belgrano, que estava com a perna ferida, como os fugitivos da noite das casas incendiadas.

\*\*\*

Depois de entrar mais uma ou duas noites, não tive a menor hesitação em apresentar-me na casa da María Josefa Ezcurra e contar tudo o que sabia. Ela era a mulher mais poderosa e inteligente entre os federais e sabia o que fazer. Por fim, minha única recompensa seria deixar a denúncia contra Amália com um sorriso e, por certo, colaborar com o Santa Causa e responder, desta forma, ao ataque contra o meu parceiro, que me engravidou de você, filha.

Esses dias de dor e coragem eu não sabia que estava grávida de você, Argentina. Sentia uma raiva como dentes irreais roendo unhas em cada parte do meu corpo. O ódio me invadiu e não me deixou fazer um movimento sem perceber que Marcelino não estava em casa, que a sua assassina vivia perto da minha casa e tocava músicas unitárias no piano. Também fui com a Sorda, a minha patrona, na mata, para fazer um trabalho, oferecendo aos meus orixás uma garrafa de uísque para a verdade não fosse esmagada.

Aquilo que a minha imaginação desenhava não demorou em ser uma realidade. Eu não tinha dois pés nem duas mãos nem apenas uma cabeça... Não éramos pessoas! Éramos sete mazorqueros, como um dragão de sete cabeças, dando um chute na porta da casa dos unitários, por ordem do próprio Rosas, para roubar a casa unitária onde se escondiam Bello e Belgrano e, por certo, dar morte em caso de resistência.

Filha, eu não matei ninguém nem sujei as minhas mãos com sangue, mesmo com um sabre gigante. Meu trabalho era colocar os tesouros da casa de Dona Amália em uma sacola, o mais rápido possível, a fim de antecipar o confisco federal e dividir o roubado entre os primeiros em chegar. Rosas não devia saber nada, sob risco de morte. Nada se perdia dos meus olhos, em todos os cantos achei objetos de ouro, pedras preciosas e obras de arte exóticas que coloquei na minha bolsa.

Já cansada, e por pura diversão, arrebentei cristais finos, rasguei a mobília sedosa e todos os pertences dos unitários, enquanto os bravos soldados avançavam de sala em sala.

Um retrato estava por ser rasgado nas minhas mãos quando, de repente, um outro objeto desconhecido voou aos meus pés: era o inconfundível nariz da dona Amália. Pelo amor de Deus, vejo o nariz dela diante dos meus olhos agora! Horrorizada, olhei para cima e, por um instante, vi um espelho do tamanho de uma parede se despedaçando em infinitas partes. Os cavalos dos mazorqueros arrebentavam os ladrilhos e escorregavam no sangue dos unitários. Sentia que os unitários mereciam ser ajustados em nome da humanidade, pois, com a sua crueldade e egoísmo, continuavam o sometimento dos meus antepassados e, no futuro, garantiam outras formas de exploração dos negros.

Quando a carnificina acabou e dividimos o que eu levei com os soldados, tive a oportunidade de fugir para longe, mas algo me impediu correr o risco, semelhante ao Florêncio: eu sentia a naquele momento que você estava no meu ventre. Pode acreditar. Eu tinha que decidir bem para o melhor das duas.

Ali mesmo, pensava, que caminho seguir sem ninguém e com apenas umas joias roubadas em uma massacre?

Com a minha parte já vendida por pouco dinheiro no mercado negro, pedi a Margarita que levasse os seus filhos para viver uma nova vida, na periferia da cidade, com a condição de que ela dissesse a todos que era sua filha e você, filha, a sua neta. Agora você sabe: Margarita não é a tua avó de sangue, no resto, por sempre, claro que é.

Foi uma decisão muito certa e ela me agradeceu muito!

Finalmente, escolhemos em família esta casa em Santos Lugares, onde você cresceu em paz com uma mulher que para mim é como

uma mãe, e que, sem saber a verdade, você chamou sempre de "avó". Nada do aqui escrito faz que isso mude agora.

Por isso, minha querida, espero que você entenda a minha história com o coração.

Te dou a minha bênção eterna, minha amada e belíssima filha, e que os teus pés caminhem sobre terras firmes, que os teus olhos enxerguem muito além das paredes e que a inveja passe longe de você.

Te amo,

Tu mamá, Paulina.